

ESPAÑA E PORTUGAL NO QUADRO EUROPEU

por Mário Soares

Espanha e Portugal, uma vez libertados das duas ditaduras, a que durante décadas estiveram submetidos, assinaram no mesmo dia - 12 de Junho de 1985 - respectivamente, em Lisboa e Madrid, a sua adesão à então CEE. Fizeram-no, depois de longas negociações, por razões, primeiro, políticas e, depois, económicas. Para consolidarem as suas jovens democracias e assegurarem um mais rápido desenvolvimento económico e social.

Vinte e cinco anos depois dessa data histórica, creio poder dizer que, a esmagadora maioria das populações de Espanha e de Portugal, não estão arrependidas. Pelo contrário. As transformações dos dois Estados ibéricos e das suas sociedades civis foram altamente positivas, em todos os domínios. Desapareceram as fronteiras entre os nossos dois países, as relações entre os dois Estados e Governos, tornaram-se de total confiança e amizade, aderiram à moeda única - o euro - participam ambos na Comunidade Ibero-Americana e têm tido posições convergentes em termos europeus.

Contudo, a União Europeia mudou imenso, como o resto do Mundo. Mas, infelizmente, nem sempre no melhor sentido. O colapso do universo comunista, levou ao alargamento da União, para Leste e à unificação das duas Alemanhas. De 12 Estados-membros - quando aderimos - passámos a 27: 17 que pertencem à zona euro; e 10 que não aderiram à moeda única, talvez mesmo 9, visto a Polónia estar em negociações - significativas, por serem agora - para se integrar na zona euro.

O alargamento, politicamente importante e generoso, serviu também de justificação para a União, criada com o Tratado de Maastricht, em 1992, paralisar o seu progresso institucional e subverter, paulatinamente, alguns princípios fundamentais do projecto dos chamados Pais Fundadores. Dou alguns exemplos: a igualdade e a solidariedade entre todos os Estados-membros, desapareceu: hoje são todos mais ou menos dominados pela Alemanha, da Chanceler Merkel, que esqueceu o que a Alemanha deve à Comunidade Europeia e se julga agora dona da Europa, apoiada pelo seu subserviente aliado, o Presidente Sarkozy; o domínio da Economia - e sobretudo das Finanças - sobre a Política. Ou seja: o domínio do Banco Central Europeu e dos bancos alemães, mas não só; a paralisação de uma Europa cidadã e de uma Europa Política, de tipo federal; etc.

Sucede que a União Europeia, entre os seus 27 Estados-membros é governada agora por 24 Partidos Conservadores e ultra-conservadores e apenas por três Partidos Socialistas: Grécia, Espanha e Portugal (este com um Governo demissionário, à espera de eleições). Só três - imagine-se - e todos da chamada Europa do Sul. Mas que pesam na Europa e no Mundo - convenhamos - não pelo dinheiro mas pela história e pelo que representam: a Grécia, a quem devemos a Democracia, a Filosofia e a Ciência; a Espanha e Portugal que difundiram a civilização europeia pelo largo mundo (que descobriram) e trouxeram de volta à Europa, o conhecimento do Mundo. Não são coisas de somenos, mas, claro, que os economicistas, como só vêem o dinheiro, esquecem o resto. E talvez, por isso, se enganam, tantas vezes... Os três Estados citados podiam ter batido o pé às exigências da Alemanha que os estão a atirar para uma recessão inaceitável. Mas não tiveram coragem de o fazer.

A crise financeira e económica que hoje abala o Mundo - e está longe de ser ultrapassada - não foi ainda compreendida pelas instâncias que dirigem a União. Como se diz "não há pior cego do que aquele que não quer ver". Os líderes da União recusam-se a aceitar que o neo-liberalismo, como ideologia, está esgotado, como há vinte anos o comunismo. Por isso, têm-se recusado a pensar no perigo da recessão, ao perceber que para além da redução do deficit é necessário, igualmente, procurar reduzir o desemprego, as tremendas desigualdades sociais, das nossas sociedades e procurar um novo paradigma de desenvolvimento.

Se assim não acontecer, a crise vai obrigar a rupturas que podem ser violentas e perigosas. Veja-se o exemplo da manifestação que há dias ocorreu em Londres, que mobilizou 500 mil manifestantes dos quais alguns muito agressivos. Como antes tinha acontecido na Grécia, na Bélgica, na França, na Itália e noutros países. Se a Europa não perceber o descontentamento que existe - por toda a parte - contra os Governos nacionais e as instituições europeias e a distância que os separam das populações, é certo que caminhamos para a decadência da União Europeia, num Mundo em transformação e para a sua possível desagregação. Uma tragédia que cumpre aos cidadãos evitar. Porque nas democracias, é pelos votos que se escolhem os governos. E se os governos são maus, em última análise, as responsabilidades cabem aos cidadãos, que os podem derrubar pelo voto popular.

